

MÚSICA E INCLUSÃO: INTERSEÇÃO ENTRE EDUCAÇÃO MUSICAL, AUTISMO E O DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES

Ana Caroline Ferracioli¹
José de Souza Neto²

RESUMO

Este estudo pretende analisar a ligação entre educação musical e autismo, bem como o impacto da musicoterapia no desenvolvimento sócio interativo e cognitivo de crianças com TEA, neste viés, a pesquisa busca compreender a música como principal ferramenta para inclusão. A pesquisa trata a música como principal ferramenta de terapia, essencial para promover a inclusão, não só dentro da comunidade escolar, mas também dentro das várias esferas sociais que permeiam a vida de um indivíduo. A introdução trará conceitos básicos sobre os temas principais como a educação musical, características do TEA (Transtorno do Espectro Autista), questões relacionadas ao desenvolvimento da psique infantil e como ocorre o processo de desenvolvimento de um sujeito, pautas importantes para situar e contextualizar o estudo. O objetivo central deste trabalho é perceber as nuances existentes entre musicalidade e psicologia, de que forma o cérebro recebe esse tipo de terapia e quais são as contribuições de ambas para o desenvolvimento geral desses indivíduos. A metodologia contempla uma revisão de outros estudos já realizados sobre as mesmas temáticas propostas no presente artigo, a fim de discutir meios de implementação e possíveis formações para profissionais da educação musical. Além disso, esta pesquisa pretende analisar e compreender as possibilidades de integração da musicoterapia a programas educacionais voltados a pessoa com autismo.

Palavras-chave: Musicoterapia, Autismo, Educação, Psicologia.

INTRODUÇÃO

Atualmente temos visto que a educação musical tem sido reconhecida como um importante instrumento de auxílio em diversas áreas, mas principalmente no que cerca o desenvolvimento cognitivo, emocional e social dos indivíduos. Esta é uma pesquisa direcionada para o contexto educacional, já que, a música tem grande poder e pode desempenhar papel essencial no movimento de inclusão, promovendo a aquisição de novas habilidades em diferentes perspectivas, nesse estudo o enfoque é especialmente para a pessoa autista.

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Letras Português/Inglês da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, ana.ferracioli@unemat.br, <https://orcid.org/0009-0006-6214-2700> ;

² Doutor em Educação (UNINOVE), Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, Campus Universitário de Sinop, Faculdade de Ciências Humanas e Linguagem (FACHLIN) jose.souza.neto@unemat.br, <https://orcid.org/0009-0004-0197-3143> ;

Há um conceito denominado neurodiversidade ou neurodivergencia, essa definição atende um conjunto razoavelmente grande de indivíduos que detêm condições neurológicas distintas como TEA, TDAH, entre outros.

Portanto, para que esses sujeitos tenham um desenvolvimento progressivo e contínuo de suas habilidades, é necessário que haja abordagens educacionais que reconheçam as diferenças individuais de cada ser, para que o processamento de informações aconteça de forma leve, inclusiva e acolhedora.

Sabe-se que as questões que envolvem o desenvolvimento infantil são fortemente influenciadas por fatores tanto internos, quanto externos, mas principalmente pelas condições de vida, bem como pelo contexto social ao qual o sujeito criança pertence.

Ao passo que cada indivíduo cresce, as interações sociais e os papéis dispostos a ele vão se modificando, isso porque o ambiente familiar, e outras situações como o contexto socioeconômico, educação e outros meios, tendem a impactar o desenvolvimento cognitivo, emocional e social desse sujeito. A partir disso, afirma-se que “durante o desenvolvimento da criança, sob a influência das circunstâncias concretas de sua vida, o lugar que ela objetivamente ocupa no sistema das relações humanas se altera” (LEONTIEV, 2010, p. 59). Sendo assim, podemos dizer que, o desenvolvimento infantil é dinâmico e mutável, capaz de ser mediado pelas relações sociais e pelo ambiente.

Além dessas questões, existe um outro aporte que deve ser levado em consideração, a mudança de lugar de uma criança por exemplo, pode ser um ponto importante para que haja um melhor entendimento do seu desenvolvimento psicológico:

“A mudança do lugar ocupado pela criança no sistema das relações sociais é a primeira coisa que precisa ser notada quando se tenta encontrar uma resposta ao problema das forças condutoras do desenvolvimento de sua psique. Todavia, esse lugar, em si mesmo, não determina o desenvolvimento: ele simplesmente caracteriza o estágio existente já alcançado” (LEONTIEV, 2010, p.63).

Entretanto, essa posição reflete apenas o estágio atual do sujeito, ou seja, não é um fator que determina o desenvolvimento, pois o que direciona o desenvolvimento são fatores internos e externos, como as questões biológicas, educação, cultura e vivências sociais.

Se relacionarmos essas colocações feitas por Leontiev (2010) e a explicação de Suplino (2005) na qual diz que o “autismo é um transtorno invasivo do desenvolvimento (TID), diagnóstico totalmente diferenciado de um quadro psicótico” e sustentando:

“Em 1949 Kanner passou a classificar esta condição como uma síndrome e referir-se à mesma como Autismo Infantil Precoce. Este quadro apresentaria como principais características a dificuldade de contato com pessoas, desejo obsessivo de manter as situações sem alterações, ligação especial com objetos, fisionomia inteligente, alterações na linguagem (de mutismo a fala sem função) que tem como consequência dificuldades no contato e na comunicação interpessoal” (SUPLINO, 2005, p. 17 *apud* SHWARTZI MAN E ASSUMPÇÃO, 1995).

Podemos então dizer que, para crianças com autismo, que possuem dificuldade de sociabilização e necessidade de constância, sofrem determinante influência no seu lugar nas interações sociais. As circunstâncias de vida de um autista, como o suporte familiar e terapêutico são fundamentais para seu desenvolvimento. Leontiev (2010) comenta sobre o lugar ocupado nas relações sociais, ou seja, intervenções especializadas auxiliam e fomentam a aquisição de novas habilidades sociais e emocionais, com isso, o desenvolvimento desse sujeito é impulsionado por um serviço adequado e não só pelo lugar ocupado.

É importante pensar no estudo do desenvolvimento da psique infantil de modo mais amplo:

“Começar analisando o desenvolvimento da atividade da criança, como ela é construída nas condições concretas de vida. Só com este modo de estudo pode-se elucidar o papel tanto das condições externas de sua vida, como das potencialidades que ela possui” (LEONTIEV, 2010 p. 63).

Ou seja, para crianças autistas as condições incluem suas dificuldades individuais, rotina imutável e uma ligação especial com objetos, conforme dito acima por Suplino (2005). Já as condições concretas de vida de uma criança com TEA podem incluir ambiente estruturado e ou previsível, intervenções terapêuticas e um suporte familiar de acolhimento. Estas condições mitigam as dificuldades e promovem um desenvolvimento mais contínuo e equilibrado. Sobre as potencialidades, essas podem se desenvolver a partir de um suporte educacional mais adaptado e intervenções sensoriais, maximizando suas habilidades cognitivas e de aprendizagem que podem ser desenvolvidas apesar das dificuldades sociais e comunicativas.

Se faz necessária a compreensão da variação na severidade do autismo, já que é por meio dessa variação que se entende as particularidades de cada autista, o estudo da

psique infantil se torna mais prático quando se conhece não só a gama de habilidades e potencialidades, mas também as limitações de cada sujeito.

“Dentro da grande variação possível na severidade do autismo, poderemos encontrar uma criança sem linguagem verbal e com dificuldade na comunicação por qualquer outra via - isto inclui ausência de uso de gestos ou um uso muito precário dos mesmos; ausência de expressão facial ou expressão facial incompreensível para os outros e assim por diante - como podemos, igualmente, encontrar crianças que apresentam linguagem verbal, porém esta é repetitiva e não comunicativa” (MELLO, 2007, p. 20).

Tendo em vista essa variabilidade na severidade do autismo, e as implicações que os indivíduos podem ter como a não linguagem verbal e dificuldades de comunicação, é interessante pensar em um modo para fomentar o desenvolvimento dessas crianças. Neste ponto podemos introduzir a educação musical como uma ferramenta de auxílio, já que a música possui um caráter universal e multissensorial, podendo funcionar como um instrumento terapêutico.

Contudo, a aplicação da educação musical também é questionada, pois há questões relacionadas a formação do profissional de música que também precisam ser consideradas, com isso sustenta que:

“Para se dar aula de Música é fundamental saber sobre música, metodologias, abordagens diferenciadas, estratégias pedagógicas, psicologia cognitiva, e o principal: pessoas, ou seja, o modo como funciona o aparato neurológico que se destina à aprendizagem, levando em consideração o desenvolvimento motor e emocional, bem como os aspectos referentes aos problemas de aprendizagem, transtornos, distúrbios e deficiências” (LOURO, 2015, p.39).

Sendo assim, para se aplicar educação musical em autistas, é necessário que haja um conhecimento específico para compreender as características, dificuldades, necessidades de rotina, entre outros quesitos, para que ocorra a adaptação das abordagens pedagógicas e metodologias. A partir disso, deve-se utilizar métodos e estratégias que levem em conta o nível de suporte de cada indivíduo. Para além, o ambiente educacional onde será ofertado o ensino de música como terapia deve ser inclusivo e personalizado de acordo com cada criança, lembrando a ideia de Leontiev (2010), no que diz respeito a explorar e ajudar no desenvolvimento de novas habilidades, valorizando suas potencialidades individuais.

Nesta perspectiva, na qual o profissional se dedica e busca por conhecimentos na área, podemos introduzir a educação musical a uma prática multidisciplinar que vai além da simples participação de especialistas, Mello (2013), chama de intervenção

verdadeiramente multidisciplinar, o ponto de partida do trabalho são as características de cada indivíduo. Suas necessidades e seus objetivos terapêuticos.

Se relacionarmos essa intervenção proposta por Mello (2013) à aplicação da inclusão educacional, podemos, portanto, estabelecer planos educacionais individualizados, uma comunicação constante entre família, especialistas e equipe multidisciplinar, para fomentar um ambiente inclusivo, além da capacitação dos educadores para suprir e ser aporte emocional e social.

“[...] pensar em inclusão é repensar o sistema. Promover a inclusão de forma efetiva é mexer nesse sistema. É levar em consideração as individualidades e habilidades das pessoas, pensar no aprendizado como processo, não como fim ou com foco num conteúdo específico para ser aprendido num tempo determinado” (LOURO, 2015, p.35).

Outra questão importante que deve ser compreendida para que a inclusão seja um movimento eficaz é, que nos níveis de suporte do autismo, existem aqueles que possuem muita sensibilidade ao som, com isso é necessário que esse sujeito seja incluso dentro dessas limitações, Ana Mello enfatiza que “algumas das características do autismo seriam resultado de uma disfunção sensorial e poderiam envolver uma sensibilidade anormal a determinadas frequências de som” (MELLO, 2007, p. 46). As sensibilidades sensoriais atípicas fazem com que o autista se sinta desconfortável, causando irritação e ansiedade.

A autora do livro *Autismo: Guia prático*, ainda complementa que há possíveis tratamentos que possam auxiliar na adaptação ao som, “na AIT (Integração Auditiva) a criança ou adulto ouve música através de fones de ouvido, com algumas frequências de som eliminadas através de filtros, durante dois períodos de meia hora por noite, durante dez dias” (MELLO, 2007, p. 46). Podemos assim dizer, que há possibilidade de acesso à educação musical para todos, mesmo com as limitações sensoriais, pode haver uma probabilidade de adequação e adaptação.

Neste contexto, para reconhecer essas necessidades sensoriais e realizar um movimento de inclusão, é essencial a capacitação dos educadores musicais para que tenham uma abordagem e um entendimento total da realidade, pensando nas particularidades, materiais, didáticas e um ambiente físico adaptado:

“Como a ideia geral no paradigma de suporte é oferecer oportunidades para todas as pessoas e em todos os contextos, não podemos excluir a música dessas reflexões e mudanças, seja ela considerada um entretenimento, um arcabouço cultural, um processo terapêutico, uma proposta pedagógica ou uma profissão. Diante da educação musical, a inclusão é um grande desafio, pois mexe com

questões muito enraizadas. A primeira delas, e um grande problema a ser resolvido, é a capacitação dos professores de Música” (LOURO, 2015, p.38).

A capacitação permitirá que os professores consigam ajustar seus métodos de ensino de acordo com as limitações sensoriais de cada um, ou seja, ambientes que minimizem estímulos auditivos, como ecos e ruídos. Há também a possibilidade de utilizar tecnologias como os fones de cancelamento de ruído para auxiliar alunos sensíveis a se concentrarem na atividade musical sem maiores desconfortos, adotando abordagens dinâmicas e flexíveis para que todos participem.

Por fim, após compreender esses conceitos e pautas, entendemos que o desenvolvimento humano está associado a um processo de compreensão total da realidade, em que o aprimoramento de uma habilidade contribui diretamente para a evolução do indivíduo em sua totalidade. Um conceito importante na musicalidade, pois a educação musical tem o poder de estimular diversas capacidades simultaneamente.

“O docente deve pensar e agir na base da teoria de que o espírito é um conjunto de capacidades — capacidade de observação, atenção, memória, raciocínio etc. — e que cada melhoramento de qualquer destas capacidades significa o melhoramento de todas as capacidades em geral” (VIGOTSKI, 2010, p.107).

Com isso, a educação musical para autistas pode ser um instrumento poderoso para desenvolver as capacidades de observação e atenção, já que é necessário sustentar a atenção para aprender as notas, ritmos e melodias por exemplo. A música envolve escalas harmônicas, padrões rítmicos e sequências de notas e acordes podem estimular a memória, entre várias outras habilidades, como o raciocínio, a socialização e principalmente as expressões emocionais.

METODOLOGIA

Esta pesquisa consiste em uma revisão bibliográfica exploratória de caráter inteiramente qualitativo. Para isso foi necessário o uso de literaturas, pesquisas e cartilhas já existentes que abordam e sustentam os temas propostos no presente estudo, tais como educação musical, autismo, desenvolvimento sócio interacional e cognitivo.

Nesta revisão, foram incluídos livros, teses e artigos científicos que trazem o arcabouço teórico necessário para realizar a interseção entre os conceitos propostos, como a educação musical por um viés terapêutico, neurodiversidade e autismo, ambiente estruturado e de suporte para a pessoa com TEA, tal qual a formação dos educadores

musicais, intervenções multidisciplinares e inclusão. Com isso, será possível identificar as teorias, metodologias e práticas que podem ser utilizadas no ensino de música e na musicoterapia, além de compreender como esta ação pode afetar o desenvolvimento de crianças e adolescentes.

O estudo baseou-se em uma análise bibliográfica que tem como objetivo principal, selecionar conceitos, a fim de tecer argumentos para classificar as ideias, bem como a interseção entre os temas em pauta. Para isso, fez-se uma seleção de materiais, como o guia prático de Ana Maria Mello, para compreender as questões relacionadas ao autismo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das colocações feitas acima, podemos inferir que a intersecção entre educação musical e autismo traz para debate uma série de desafios e oportunidades que não se limitam a simples aplicação da música como uma mera atividade de recreação. Essa abordagem pedagógica pode ser vista e representada como uma parte do processo terapêutico e educacional voltado para o desenvolvimento da criança com autismo, em vários aspectos da vida.

Nesse contexto, é interessante levar em consideração a necessidade de um olhar amplo e empático, ou seja, é essencial que os profissionais envolvidos tenham uma visão total da realidade em relação a educação musical, é preciso compreender, que além de ensinar técnicas, desenvolver novas metodologias e teorias musicais, eles são um agente facilitador do processo de desenvolvimento de habilidades sociais, cognitivas e emocionais de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Como sugerido e sustentado anteriormente, existem certas lacunas individuais que precisam ser compreendidas. Esses espaços estão diretamente relacionados com a neurodiversidade, com isso, podemos entender que esse conceito é fundamentado na ideia de que as diferenças neurológicas que estão presentes em indivíduos com TEA, não são puramente patológicas a ponto de serem corrigidas, e sim que, essas diferenças são apenas variações e são tidas como naturais, logo, devem ser respeitadas e compreendidas.

Podemos apresentar a musicoterapia como um meio de comunicação, no qual pode auxiliar o indivíduo a superar suas barreiras e limites tradicionais que as vezes são

característicos da pessoa com autismo, dificuldades significativas como o uso da linguagem e as formas de interação social. Nesse caso, a música pode ser um canal de expressão das emoções, bem como uma forma de se comunicar e interagir, podendo ser vista como método terapêutico.

Sobre a relação entre música e desenvolvimento cerebral, são áreas que geram interesse de diversos profissionais, por isso, as pesquisas e teorias são amplamente documentadas. Estudos indicam que há um o envolvimento que ocorre entre música e cérebro ativa múltiplas áreas, esses locais são afetados simultaneamente, áreas responsáveis pela linguagem, memória e coordenação motora. Quando se trata de criança com autismo, cuja comunicação e habilidades podem estar comprometidas, essa estimulação multissensorial direta é fundamental para que novas conexões cerebrais sejam formadas. Sendo assim, podemos dizer que a serie dos padrões musicais que podem auxiliar o processo de desenvolvimento da mesma e da capacidade da atenção, repetição de ritmos, melodias e harmonias são essenciais para fomentar o progresso em outras esferas da vida.

Entretanto, é necessário e merece atenção o fato de que os profissionais estejam amplamente capacitados. Nesse caso a formação do educador musical precisa ir além do conhecimento técnico, existe uma necessidade de compreensão mais profunda, pois lidar com as características atípicas é também um desafio, pensa que cada criança possui condições neurológicas e sensoriais em níveis de suporte diferente. Isso significa que, o professor, ao lidar com crianças com TEA, deve estar ciente das particularidades e estereotípias de cada indivíduo.

Existem alguns casos em que a pessoa com TEA pode possuir hipersensibilidade auditiva, sendo assim é importante que sejam feitas algumas adaptações no ambiente educacional, além do uso de uma metodologia mais consciente e empática. Entendemos que a música pode ser uma ferramenta de inclusão, mas também pode ser desconfortável em alguns aspectos se as limitações sensoriais do indivíduo não forem levadas a sério. Portanto, o espaço físico e os materiais didáticos devem ser dinâmicos para que ocorra as adaptações necessárias de acordo com as especificidades de cada um.

A interação entre educação musical e as intervenções terapêuticas acontece por meio da criação de um ambiente inclusivo, no qual potencializa as capacidades gerais de

cada criança, principalmente a nível de cognição, além de valorizar e compreender suas individualidades.

A intervenção multidisciplinar que é defendida e sustentada por Mello (1013), é outro ponto importante que se torna um pilar para garantir que o plano educacional juntamente com as metodologias e a didática a serem aplicadas seja eficiente, adequando-se as necessidades específicas do sujeito. A comunicação entre a equipe multidisciplinar e a família é central, é indispensável que essa troca aconteça entre os profissionais, já que é nesse contexto que a música pode ser entendida e vista como catalizador para o desenvolvimento de outras habilidades sociais e emocionais.

No campo da educação musical é interessante perceber a inclusão como um movimento de adaptação e aprendizado contínuos, tanto por parte do educador quanto do aprendiz. De acordo com Louro (2015) é preciso repensar o sistema educacional para garantir acesso a todos, independentemente do nível de suporte e de suas limitações sensoriais e cognitivas, a atividade de cunho musical terapêutico deve ser inclusiva e suprir as necessidades e especificidades dos indivíduos.

Ajustar as práticas pedagógicas, capacitar professores, atendimentos e aulas individuais que acolha as estereotípias da criança também auxilia no processo de ensino e aprendizagem o que fornece um ambiente mais inclusivo. Para isso, podemos levar em consideração o uso das tecnologias, como o fone cancelador de ruído ou de métodos auditivos que consigam filtrar as frequências sonoras e deixá-las mais confortáveis, permitindo que as crianças com mais sensibilidade auditiva participem ativamente das atividades e dinâmicas musicais, fazendo com que os estímulos auditivos em excesso sejam corrigidos, como sugerido por Mello (2007).

Por fim, vale ressaltar que as capacitações dos profissionais de educação no campo musical bem como a adoção de metodologias pedagógicas precisam ser flexíveis, esses dois aspectos são importantes para que a educação musical ocorra de maneira dinâmica, eficaz e inclusiva. De acordo com Vygotsky (2010), o aprimoramento das capacidades cognitivas afeta diretamente outra capacidade, sendo assim, o ensino e aprendizagem musical se tornam mais relevantes para o desenvolvimento integral do indivíduo. Logo, se a música, padrões sonoros, ambiente, metodologia e didática respeitam as limitações do ser criança, a contribuição para o processo de desenvolvimento de novas habilidades,

bem como a construção de identidade autônoma podem acontecer de modo íntegro e eficiente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa aponta a importância e valorização de se ter a música como método terapêutico para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), destacando a educação musical como agente facilitador para o desenvolvimento socio interacional e emocional. É interessante entendermos que a música funciona como ponte entre o mundo interno do indivíduo e suas interações externas, influenciando o desenvolvimento de novas habilidades, e permitindo que suas emoções e necessidades possam ser comunicadas.

Para garantir que a abordagem musical seja eficiente, é preciso que os educadores estejam cientes das metodologias a serem aplicadas, bem como a necessidade de serem adaptadas dentro das especificidades de cada criança. Para isso, é importante que haja uma formação contínua dos profissionais de educação musical, incluindo os conhecimentos técnicos, bem como a compreensão das particularidades do indivíduo com TEA.

A educação musical para crianças com TEA deve estar sempre em processo de aprimoramento, já que as tecnologias são dinâmicas e mutáveis, o profissional precisa compreender e aplicar uma abordagem multidisciplinar que relacione as pesquisas, no âmbito teórico e prático, a fim de desenvolver novos métodos, acompanhando também as inovações tecnológicas.

O diálogo entre os profissionais que desenvolvem a terapia multidisciplinar é importante, bem como o envolvimento da família e da comunidade, esse diálogo cria um ambiente mais acolhedor e inclusivo e ajuda a garantir que a criança com TEA tenha oportunidade de se expressar e aprender.

REFERÊNCIAS

JERONIMO DA SILVA, S. C.; DOS REIS MOURA, R. de C. Musicoterapia e autismo em uma perspectiva comportamental. *Revista Neurociências*, v. 29, p. 1–27, 2021.

LEONTIEV, A. N.. Uma contribuição à teoria do desenvolvimento da psique infantil. In: VIGOTSKI, Lev Semionovitch; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Alexis Nikolaevich. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. 11. ed. São Paulo: Ícone Editora, 2010. Cap. 4. p. 59-84. Maria da Pena Villalobos.

LOURO, Viviane. Educação musical inclusiva: desafios e reflexões. In: SILVA, Helena Lopes da *et al* (org.). **Música e Educação: série diálogos com o som**. 2. ed. Barbacena: Eduemg, 2015. p. 33-50. (Ensaio).

MELLO, Ana Maria S. Ros de. **Autismo: guia prático**. 5 ed. São Paulo: AMA; Brasília: CORDE, 2007. 104 p.: il.

MELLO, Ana Maria S. Ros de; ANDRADE, Maria América; HO, Helena; SOUZA DIAS, Inês de. **Retratos do autismo no Brasil**. 1. ed. São Paulo: AMA, 2013.

MENEZES, Adriana Alves Quintino. A MÚSICA E O AUTISMO: experiências de desenvolvimento e aprendizagem na escola municipal cidade da música no município de Uberlândia-MG. **Cadernos da Fucamp**, [s. l], v. 18, n. 38, p. 13-44, 18 dez. 2019. Contínua.

SUPLINO, Maryse. **Curriculo funcional natural: guia prático para a educação na área do autismo e deficiência mental** - Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos (SEDH), Coordenadoria Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência (CORDE); Maceió: ASSISTA, 2005. p. 73.

VIGOTSKI, L. S. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: VIGOTSKI, Lev Semionovitch; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Alexis Nikolaevich. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. 11. ed. São Paulo: Ícone Editora, 2010. Cap. 6. p. 103-118. Maria da Pena Villalobos.